

Resenha

Mudanças de hábitos à beira-mar¹

AZEVEDO, Thales de. *A praia: espaço de socialidade*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2016, 100 p.

Marcos Rodrigues*¹

Muito oportunamente, a EDUFBA reeditou um trabalho de rara passagem nas discussões acadêmicas ou mesmo nos espaços de produção de conhecimento. Trata-se do livro *A praia: espaço de socialidade*, do etnólogo e professor Thales de Azevedo (1904-1995), cuja abordagem levanta muita curiosidade a respeito de uma cultura ainda pouco explorada no campo das Ciências Sociais. Em sua atuação muito particular na observação e na escrita sobre os costumes brasileiros, o autor delineia mais um estudo com viés antropológico.

Médico, pesquisador e escritor, Azevedo possui uma vasta produção de trabalhos que contribuíram na formação humana de várias gerações. Porém, foi na área da Antropologia que teve notoriedade pública com seus artigos e livros sobre os diversos aspectos da cultura. Sua produção intelectual e científica abrange desde pesquisas médicas a publicações etnológicas e possui raridades como esse livro. E, ao longo da nossa história, nada mais cultural do que ter o espaço da praia, neste país de litoral tão extenso, como objeto de estudo.

Em que pese ser a área da praia um espaço social e amplamente sociável, as Ciências Humanas e Sociais parecem não se preocupar muito com a funcionalidade marítima desde o início da colonização. Se as embarcações faziam o transporte transatlântico de mercadorias e escravos, os pontos de chegada, certamente formados por praia, pareciam despercebidos como espaço territorial passível de ocupação e lazer. Neste ensaio, talvez a gente perceba também o valor medicinal do banho de mar, a fronteira entre classes na história da sociedade brasileira e a evolução da praia como lazer. São dados que vamos percebendo durante a leitura do livro.

A primeira edição deste ensaio foi publicada em 1988, demarcando um território no campo dos debates sociais, especialmente na antropologia urbana.

¹ Recebido em 22/06/2018. Aceito em 06/07/2018

*¹ Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: jmbr@bol.com.br.

O autor fala do fenômeno relacional de frequentar a praia e seus desdobramentos a partir do banho de mar. A sociedade brasileira vai copiando modelos de comportamento e se adaptando às conseqüentes transformações da ocupação litorânea. Assim, o professor Thales de Azevedo traz à luz elementos sobre a cultura da praia, que muito podem contribuir para os avanços de futuras investigações científicas.

Esta edição vem enriquecida pelo prefácio do arquiteto e urbanista Paulo Ormino de Azevedo, que nos apresenta com maestria o perfil do autor, sua relação com a zona da praia e um panorama sobre a produção e as referências do livro. Na verdade, trata-se de um material atrativo desde o início que leva o leitor a mergulhar nas ondas do mar a partir da veia literária de Thales de Azevedo. Também a nova publicação vem acompanhada do posfácio da professora e dramaturga Cleise Mendes, que situa o leitor perante a obra do autor através de uma análise crítica de sua produção. E aqui estamos, para falar do comportamento humano a partir da ocupação do espaço à beira-mar.

Até o momento, os estudos históricos sobre o início da ocupação desse trecho à beira-mar abordam-no apenas como palco de invasões e lutas. É espantoso dar-se conta que o mar era apenas a via de transporte e comunicação entre os grupos civilizatórios e a praia não passava de ponto de embarque e desembarque de mercadorias. O discurso sobre a cultura da praia é algo novo nos debates e discussões humanitárias, já que não se percebe sua frequência dentro da esfera acadêmica ou fora dela. Tendo em vista a raridade de estudos e pesquisas no país sobre a temática (uma tese, uma dissertação e dois artigos), eis o pioneirismo antropológico de Thales de Azevedo em advertir nossa história passar mais de três séculos sem perceber o espaço da praia nos oito mil quilômetros da costa brasileira.

Com isso, é muito importante observar o lugar de fala do autor, que inicia o texto alertando que o assunto merece atenção por parte das Ciências Sociais. E, como primeiro dado, informa que a descoberta da praia nos moldes de hoje tem menos de um século. As primeiras incursões são lembradas pelo autor como momentos de lazer dominical ou feriado de quem queria fugir da rotina urbana e mesmo das visitas convencionais palacianas e, um detalhe, pouca alteração no vestuário. A publicação demarca um campo de discussão que ainda pode problematizar outras vertentes do comportamento humano ao longo do tempo, nos estudos científicos afins.

O trabalho, dividido em oito capítulos, aborda desde as primeiras percepções e indicações medicinais do banho de mar até a ocupação urbana da praia como área de lazer dominical. A fundamentação histórica aparece na escrita de Azevedo enriquecida pelo seu estilo de cronista, o que torna a leitura

ainda mais fluida. Algumas notas de rodapé são altamente ilustrativas e complementam a narrativa do texto principal.

De acordo com o texto, ir à praia e tomar banho de mar eram práticas recomendadas pelos médicos como receita de repouso e terapia. O pesquisador utiliza referenciais históricos diversos para elucidar a origem do banho de mar no Brasil e traz fontes que registraram cenários do litoral a partir do Rio de Janeiro e da Bahia, entre revistas científicas, jornais, poesias e relatos de viajantes. Entre outros aspectos, desperta curiosidade a descrição da roupa de banho de quem frequentava a praia, uma cópia do estilo europeu, aos olhos de hoje algo bem pitoresco, conforme revela nos dois primeiros capítulos.

A importação de carros, o crescimento dos centros urbanos, o fluxo turístico e o interesse pela diversão, a criação de clubes e hotéis, com seus bailes e eventos esportivos, foram elementos que intensificaram a frequência à beira-mar. Novos hábitos geraram diferentes necessidades. Mudaram o contato com o mar, o tempo do banho e de ficar na praia, a presença de outros frequentadores. Outras razões levaram as pessoas a se exporem ao sol. Também as roupas começaram a encurtar por volta da primeira década do século XX.

O texto narrativo mostra que a imprensa se encarregava de divulgar a mudança de hábitos de praia a partir da indumentária, como ocorria na Europa. Todo tipo de inovação visibilizado nos trópicos tinha suas raízes no mundo colonizador. E as pernas antes encobertas começaram a aparecer e chamaram a atenção devido ao apelo erótico. Essas mudanças são reveladas no terceiro e no quarto capítulos.

Nos dois capítulos seguintes, o livro anuncia o novo período da história brasileira e o comportamento de quem frequenta a praia. O início do século XX traz o cenário de grandes alterações sociais, afinal havia pouco tempo da abolição da escravatura e da proclamação da República. As mudanças refletidas pela imprensa aqueciam as disputas de opinião entre conservadores e progressistas. O autor consegue manter sua análise de acordo com os periódicos ligados à classe dominante e exclui a presença negra nas cidades e por extensão nas praias. Assim, podemos perceber que só as famílias senhoriais tinham acesso a serviços médicos e espaços de lazer como a praia.

Assim, a narrativa segue o caráter etnográfico que nos remete a uma releitura do tempo e do espaço desse ambiente praieiro com a nítida distinção de classe. O autor volta a elucidar a recorrente mudança de hábito com suas regras e restrições, através do discurso da imprensa, até que chegam os biquínis e maiôs em modelos ousados inspirados por estilistas e pela publicidade. O banho de mar passou a expor o corpo e a despertar desejos eróticos. Um aspecto curioso no texto narrativo e nas citações é que a

transgressão e a provocação da libido só ocorreriam a partir do lado feminino. Por que será? Os cronistas relataram mudanças de hábitos e trajes apenas das mulheres e, ao que parece, os homens eram apenas expectadores do banho de mar ou estavam onipresentes.

Também o território da praia se revela uma questão de status. Toda uma convivência se desenvolve com a ocupação da orla e a geração de serviços dentro de um quadro nitidamente segregado. O livro menciona a ocupação da praia pelos privilegiados como um gesto pioneiro no desenvolvimento social e econômico à beira-mar. E fica a pergunta: onde estavam e o que faziam índios, negros, moradores nativos do litoral? Estranho que o autor só tenha observado pela primeira vez uma praia de negros no Uruguai. Sua análise sugere um jogo comparativo com a praia brasileira em estilo pouco amistoso como se os negros, pobres favelados, fossem invasores do espaço frequentado pela classe senhorial e pelos estrangeiros viajantes. Thales de Azevedo era seguidor da Escola Nina Rodrigues, criada nos anos 1920/30, quando o marco conceitual do evolucionismo na produção do conhecimento parecia ignorar o nativismo indígena e a múltipla presença negra importada pelo sistema colonial português.

Para os dois últimos capítulos, o autor traz outras funções da praia e lembra a chegada de Cabral a Porto Seguro em 1500. A praia tornou-se espaço sagrado com a missa de frei Henrique Coimbra e depois com as procissões marítimas, local de batalhas, fonte de inspiração poética e musical. A cultura da praia ainda é um fenômeno a ser explorado e investigado no campo científico, bem como no âmbito de outras discussões, conforme suas variantes na vida dos brasileiros.

O autor ressalta a cultura da praia como algo amplo conforme a orientação ou crescimento dos centros urbanos no litoral. Uma série de mudanças na relação do corpo com o lugar resultou na quebra de rotinas e a subversão de valores. O texto surpreende pela temática ainda pouco explorada no campo das ciências e apresenta o perfil multidisciplinar de Thales de Azevedo, que procurou interpretar o cenário brasileiro a partir da costa litorânea. A riqueza da narrativa em fazer retrospectos e apontar transformações da cultura da praia e seus desdobramentos funcionais faz dessa publicação uma obra rara dentro dos estudos sociais brasileiros.

Com isso, *A Praia: espaço de socialidade* segue como uma referência absoluta dos estudos sobre o desenvolvimento da cultura praieira hoje integrante da paisagem de boa parte das cidades situadas na zona litorânea. O livro de Azevedo aborda um conjunto de elementos e ideias outrora presentes no cotidiano do lazer de uma classe, porém hoje inerentes a todo ser pós-moderno que transita e ocupa o espaço urbano. Ainda que fale de terapia

medicinal e lazer, o estudo sobre a praia deixa entrelinhas e pistas sobre o comportamento das classes sociais, certamente não sem conflitos.